

BARBOSA, Manuel J. S., *Prédio Rústico de Jacques Vanière: poema didático neolatino do século XVIII sobre a vida no campo*; introdução, tradução, notas e índices. Lisboa, Theya Editores, Instituto Europeu de Ciências da Cultura P. Manuel Antunes, Centro de Estudos Globais, Universidade Aberta, Cátedra UNESCO de Estudos Globais, Cátedra CIPSH de Estudos Globais, 2023, 418 pp. ISBN: 978-989-9012-89-9.

Com esta publicação, Manuel Barbosa permite ao público de língua portuguesa aceder, por via direta, não só à leitura de uma obra neolatina estrangeira, como também ao conhecimento e subsequente estudo de uma produção literária que, ainda que congénere à nacional, está quiçá distanciada do seu conspecto, não por desinteresse, mas por razão da sua abundância e da natural primazia dada à produção literária neolatina sobrevivente, digamos, intramuros.

De facto, já em 2011, o Professor Associado da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e membro do Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa, com a tradução da comédia *Crisis*, de Eneias Sívio Piccolomini (que, depois de a publicar, ascenderia a Sumo Pontífice com o nome Pio II), pusera à disposição dos leitores uma obra do Humanismo quatrocentista transfronteiriço que testemunha a difusão que a renovação do estudo das letras alcançava, à época, em Itália. *Crisis* constitui, na verdade, um dos símbolos da centralidade do papel da Igreja, quer no ensino, quer na pervivência da produção literária de língua latina.

Da mesma perspetiva deve ser avaliada a presente obra, afinando, contudo, a atenção sobre uma ordem religiosa fundamental para a disseminação do Humanismo pela Europa e pelo Mundo – a Companhia de Jesus. Com efeito, foi no seio da Companhia que Jacques Vanière desde a adolescência enformou, aguçou e poliu o seu génio com uma carreira de largos anos como professor. Assim, esta tradução do *Praedium Rusticum* não transmite apenas uma materialização da propensão artística de um só homem para a poética, mas a expressão última de uma tradição e de um mecanismo pedagógicos que, embora universais, permitiram ao leitor não

apenas informar-se em particular acerca da técnica agrícola praticada no mundo rural setecentista francês, e da diversidade da fauna e flora occitânica ao tempo, como também contemplar e admirar as paisagens natural e humana do sul de França daquela altura.

É por ampliar os horizontes da investigação sobre a produção literária jesuítica, no caso alargando-os à Província Tolosana, parte da Assistência da França, que a atual publicação assume especial relevo. Com efeito, a miríade de obras em língua latina produzidas pelos padres da Companhia não se esgota nas obras dos jesuítas portugueses. Ela alberga todas as que, em muitas partes do mundo, foram ao longo de séculos sendo escritas. Procurar vertê-las para a língua portuguesa é um trabalho necessário, para que o mundo de hoje ganhe consciência de que a sua globalidade não é completa novidade e para que se faça jus a quem fez com que o latim, as letras e, enfim, as humanidades não se perdessem na agitação do revolvimento dos tempos. Ao apresentar-nos esta obra em português, Manuel Barbosa, também impele o leitor interessado a investigar e, porventura, a trazer à luz outras obras da autoria dos padres jesuítas das várias Assistências e Províncias, além de demonstrar às comunidades académicas portuguesa, lusófona e internacional, a vivacidade que, indubitavelmente, nelas poderão encontrar os Estudos Clássicos.

Quanto à tradução em si, nada há que possa ser apontado à sua evidente qualidade. Ela revela claramente a facilidade de leitura e de interpretação do tradutor, que fielmente verte a língua latina na língua portuguesa. Efetivamente, Manuel Barbosa propôs-se fazer este esforço de reprodução cuidada do latim aceitando o “risco de hermetismo” (p. 24), desafio que só podemos aplaudir, porque decidiu conservar na versão portuguesa muitas das particularidades estilísticas da original. Ter traduzido o texto em prosa de nenhum modo o degenerou; pelo contrário, foi outro fator que contribuiu para o respeito do estilo original, nomeadamente das “condicionantes de género” (p. 24). Uma tradução que somente preservasse o verso como formato visual acarretaria uma dificuldade que só valeria a pena assumir se a edição fosse bilingue.

Para além da tradução, que ocupa a maior parte do volume, Manuel Barbosa oferece-nos uma introdução e índices muito úteis. A introdução divide-se em dez subtítulos, a saber: “O autor”, que sumariza a biografia de Jacques Vanière e apresenta os contextos histórico, cultural e literário que o envolveram; “A produção literária de Jacques Vanière”, em que são referidas as três outras obras a que o autor se dedicou, os *Opuscula*, o

*Dictionarium Poeticum* e um dicionário francês-latim, que o seu falecimento não consentiu que terminasse; “A constituição do *Prédio Rústico*”, que enumera as várias edições da obra até que chegasse, em 1730, à sua composição final em dezasseis livros; “Um poema didático”, que define o género em que se integra a obra, identificando os modelos antigos, dentre os quais é salientado Vergílio, os émulos humanísticos e mesmo as influências contemporâneas de Vanière; “O *Prédio Rústico* e o seu tempo”, em que o tradutor enumera passos da obra que referem personalidades, acontecimentos e até monumentos, como o Canal do Midi, contemporâneo do autor, cuja descrição é soberbamente conseguida pelo jesuíta; “Literariedade e tradução”, que analisa brevemente a abundância de recursos estilísticos no poema, enquadrando o *Praedium* na época barroca e na produção literária escolástica jesuítica destinada a ensinar outros a compor, fazendo ainda uma listagem e explicação dos mitónimos mais comuns; “As notas”, que clarifica as anotações que acompanham o texto e que, em grande parte, procedem quer das notas da autoria de Berland (que traduziu o poema de Jacques Vanière ainda no século XVIII), quer das notas de rodapé apostas pelo próprio Vanière ao seu texto, quer ainda das dilucidações da autoria de Manuel Barbosa (deve louvar-se o cuidado do tradutor na adaptação das notas de Berland, devendo salientar-se o esforço acrescido que foi traduzi-las do francês setecentista); “As traduções”, em que se faz menção das traduções que foram feitas da obra de Vanière, para o francês, italiano, espanhol, húngaro, inglês, alemão e, inclusive, uma para português, cujo paradeiro não é conhecido; “O texto-base da tradução” informa o leitor acerca do texto a partir do qual foi feita a tradução, a edição de 1756, à qual foram acrescentados os argumentos da edição de 1774 resumindo o início de cada livro, bem como de que às notas marginais presentes na edição de 1756 que seccionavam o texto em diferentes partes conteudísticas foi atribuída uma numeração, para facilitar a leitura dos índices; “Os índices finais”, a terminar a cuidadosa introdução, em que o autor descreve duas importantes ferramentas, um índice onomástico-temático e um índice de fontes, um e outro bem completos, pois permitem ao leitor interessado encontrar facilmente um determinado passo na imensidão da obra e também compará-lo com outro de que é tributário.

A introdução e os índices são, deste modo, mais do que adequados. Dir-se-ia apenas, no entanto, que no espírito do leitor poderá permanecer alguma curiosidade quanto às razões que levaram Manuel Barbosa a optar pelo texto da edição de 1756 e não pelo da de 1730 ou pelo da de 1774.

Por fim, uma palavra deve ser dita a propósito das opções estéticas respeitantes às ilustrações do livro: acompanham cada um dos livros, na página inicial, as gravuras da edição de 1756, que, a par com o próprio texto, aproximam ainda mais o leitor da época em que a obra foi escrita e publicada e consubstanciam a imersão do leitor nela.

**HUGO RAMOS**

Universidade de Coimbra

[hugobramos@gmail.com](mailto:hugobramos@gmail.com)

<https://orcid.org/0009-0009-7556-6811>